

Conceptualizações metafóricas de SIDA: uma abordagem cognitiva da doença em textos alemães

Paula Rosa dos Santos Órfão
Escola Superior de Tecnologia e Gestão
Instituto Politécnico de Leiria

Face a esta doença, que suscita tanta culpabilidade e vergonha, os esforços para a desligar de tais significados, de tais metáforas, parecem ser particularmente libertadores, mesmo consoladores. Mas o simples facto de nos abstermos de usar as metáforas não basta para as afastar. Têm que ser expostas, criticadas, desancadas, arrasadas. (Sontag, 1998: 187)

1. Introdução

O corpo humano revela ser de uma importância extrema no seio da teoria cognitiva, pois parte-se do princípio de que a experiência física levada a cabo por este serve de base ao acto da representação simbólica; neste contexto, a percepção desempenha um papel fundamental. Considera-se então que a teoria cognitiva se pauta pelos princípios do realismo experiencialista, em virtude de constituir uma teoria de construção mental baseada na experiência física. Defende-se, pois, que o conhecimento do mundo e o conhecimento linguístico são indissociáveis.

O nosso trabalho é configurado a partir do postulado da indissociabilidade entre a representação simbólica e o discurso científico; convém notar que este postulado só foi aceite após a publicação, em 1989, de *Metaphor and Thought*, volume organizado por Ortony e em que vários autores, rebatendo a concepção da subjectividade da metáfora até então vigente, atribuem à metáfora um papel determinante no discurso científico.

Tendo em conta que Bernd Ulrich Biere (1997), Biere e Liebert (1997), Herbert Bock (1997) e Dmitrij Dobrovol'skij (1997) já tinham estudado as conceptualizações de SIDA, quer em protocolos científicos quer em textos jornalísticos, enveredámos pelo estudo sistemático das ocorrências nas revistas DER SPIEGEL e STERN, de modo a abranger um *corpus* bastante representativo. A recolha dos artigos abrangendo o período entre 1999 e 2002 teve lugar nos *sites* destas revistas. Visámos pôr em destaque o papel determinante da metáfora nas referidas conceptualizações, na medida em que a metáfora conceptualiza a linguagem sobre a SIDA e sobretudo o pensamento sobre esta doença.

Este trabalho visa contribuir para os estudos linguísticos de cariz onomasiológico, versando a língua alemã, que só muito recentemente começaram a surgir na Alemanha,

nomeadamente pelas mãos de Wolf-Andreas Liebert (1992) e Olaf Jäkel (1997), que se dedicaram, respectivamente, ao estudo das metáforas de doença e da economia. Contudo, as bases deste enfoque já haviam sido lançadas, entre outros, por alguns linguistas alemães da segunda metade do séc. XX, com especial destaque para Walter Porzig e Harald Weinrich, que já associavam o conhecimento do mundo ao conhecimento linguístico. A razão de ser da orientação onomasiológica do nosso trabalho prende-se, como tal, com a quase inexistência de estudos deste tipo sobre a língua alemã, o que torna o nosso trabalho ainda mais aliciante. Por outro lado, reconhecemos que a grande vantagem destes estudos reside na recolha de dados linguísticos reais e originais por via electrónica, como é o caso do nosso *corpus*. De facto, coligimos um conjunto de dados bastante abrangente e representativo da língua alemã contemporânea, o que, por si só, vem comprovar a indissociabilidade entre semântica e pragmática, um dos postulados da semântica cognitiva. Registe-se, porém, que a recolha deste *corpus* onomasiológico, em comparação com as pesquisas de dados de índole semasiológica anteriormente realizadas, se revelou um processo bastante moroso, em virtude da complexidade inerente a uma recolha desta natureza.

O estudo que aqui se apresenta insere-se num projecto de investigação mais abrangente, a dissertação do Curso de Mestrado em Linguística Alemã – A Língua Alemã Contemporânea: Significado e Texto, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Órfão, 2003). A análise do *corpus* que se segue será de natureza onomasiológica, porquanto se tem como centro da investigação um determinado conceito, a SIDA, com o intuito de estudar as suas formulações a nível linguístico. Assim, investigaremos: os tipos de conceptualizações metafóricas encontradas; os seus domínios de origem; o seu uso recorrente ou não recorrente. Registe-se, porém, que estudos desta natureza implicam também o recurso ocasional à vertente semasiológica.

O *corpus* por nós recolhido consiste em artigos da revista DER SPIEGEL (www.spiegel.de), sendo contempladas as edições entre 06.04.1999 e 13.12.2002, e da revista STERN (www.stern.de), da qual extraímos artigos do período entre 18.05.2000 e 23.08.2001. Os artigos em causa prefazem um total de 67 e têm em comum o facto de se debruçarem sobre um mesmo tema, a SIDA, incidindo, porém, sobre aspectos variados. De um *corpus* de 185 ocorrências, apenas aqui apresentamos uma para cada metáfora conceptual encontrada; adicionámos, no entanto, alguns exemplos da imprensa portuguesa, nomeadamente da revista VISÃO (www.visaonline.pt) e do jornal EXPRESSO (www.expresso.clix.pt), para melhor ser feita a clarificação de cada construção. As abreviaturas SPG, STR, VIS e EXP indicarão doravante a publicação da qual foi retirada a ocorrência.

2. Postulados gerais da linguística cognitiva

Será necessária, a este passo, a clarificação de algumas das linhas orientadoras deste enfoque teórico, uma vez que elas se revestem de particular importância para o nosso trabalho. São elas as noções de protótipo, polissemia, metáfora conceptual e esquema imagético.

Foi nos Estados Unidos que surgiu a noção de protótipo, nos trabalhos de Eleanor Rosch, no âmbito da Psicologia Cognitiva. Na óptica de John Taylor (1989), a noção de protótipo pode ser aplicada ao membro central de uma categoria ou ao conjunto de membros centrais. Por outro lado, o protótipo poderá igualmente ser uma representação mental do centro de determinada categoria. Esta segunda vertente, que se reveste de um carácter mais abstracto, parece ser a mais adequada, pois a necessidade de uma representação mental é premente em qualquer dos casos. Estima-se o grau de pertença a uma determinada categoria, por parte de uma entidade, em virtude das semelhanças para com o protótipo; deste modo, quanto maior for a proximidade relativamente ao protótipo, mais central a entidade será no seio daquela categoria. Não se trata, portanto, da existência ou ausência da relação de pertença à categoria, mas de uma maior ou menor distância relativamente ao membro central daquela. Note-se, portanto, que esta noção implica a existência de um carácter difuso neste processo.

A categorização segundo a teoria do protótipo acarreta consigo alguns problemas, nomeadamente no que diz respeito aos diferentes significados que uma palavra poderá ter, conforme sublinhado por Taylor:

Even though the distinction between monosemy and polysemy is in principle clear enough, it is in many cases tantalisingly difficult to decide if two uses of a linguistic form instantiate two different senses, or whether they represent two exemplars, one perhaps more central than the other, of a single sense.
(Taylor, 1989: 100)

De facto, é provável que uma esmagadora maioria das palavras sejam polissémicas em maior ou menor grau, na medida em que normalmente uma palavra pode designar diferentes entidades ou situações em diferentes contextos – entre nós, a polissemia foi trabalhada por Almeida (1995) e Silva (1999); postula-se, então, que os vários sentidos de uma determinada categoria polissémica poderão estar ligados entre si tendo por base o princípio wittgensteiniano das parencas de família. Mas em que consiste a polissemia? Socorremo-nos da definição de Lakoff (1987) abaixo:

Polysemy arises from the fact that there are systematic relationships between different cognitive models and between elements of the same model. The same word is often used for elements that stand in such cognitive relations to one another. (Lakoff, 1987: 13)

Reconhece-se, assim, que a metáfora e a metonímia conceptuais contribuem para a formação das categorias polissémicas. A metáfora espacializa-se enquanto processo cognitivo dinâmico e criativo, conforme, aliás, tinha sido defendido por Lakoff e Johnson em *Metaphors We Live By* (1980), em que se postula que o processo metafórico está presente não só na linguagem do dia-a-dia como também na estruturação da conceptualização e acção humanas. A título exemplificativo, os autores fazem incidir a análise sobre a formulação metafórica ARGUMENT IS WAR (uma discussão é

uma guerra). Estrutura-se uma discussão como se se tratasse de uma guerra; embora não haja confronto físico, o confronto de ideias é apresentado como se o fosse, segue-se uma dada estratégia e pode-se ganhar ou perder. Seguimos estes autores quando eles advogam ser essa a essência da metáfora: compreender uma coisa ou entidade em termos de outra.

Um domínio cognitivo que nos é difícil explicar e definir (ou seja, muitas vezes, abstracto) é estruturado com base noutra, normalmente mais concreto, parte integrante do quotidiano, pelo que se envereda por uma apologia do realismo experiencialista ou experiencialismo. A orientação do concreto para o abstracto consubstancia o princípio da unidireccionalidade do processo metafórico: o abstracto é sempre estruturado em termos do concreto, e não o contrário. O facto de, ao usarmos esta e outras metáforas no nosso quotidiano, não termos a consciência de que elas são isso mesmo – metáforas – leva-nos a verificar que efectivamente este fenómeno estrutura o nosso pensamento e o modo de encararmos o mundo, e não apenas a linguagem humana. Ou seja, as metáforas da linguagem são apenas uma das manifestações das metáforas conceptuais que constituem, portanto, um fenómeno muito mais complexo e abrangente. Se nos debruçarmos sobre as emoções e os sentimentos, áreas abstractas por excelência, podemos verificar que estes conceitos são quase sempre referidos por meio de metáforas; por isso falamos do amor como uma “força magnética” que “atrai” os corpos, por exemplo.

Um dos conceitos mais importantes na teoria da metáfora é o do mapeamento (*mapping*) que surge em Lakoff (1987) e consiste na projecção de um domínio de origem num domínio-alvo a partir do estabelecimento de um elo conceptual entre ambos os domínios. As correspondências existentes entre ambos os domínios cognitivos intervenientes no processo metafórico constituem o mapeamento, sendo este, portanto, um processo activo e dinâmico.

As metáforas conceptuais não se caracterizam por serem um recurso especial. Pelo contrário, elas estão presentes na estruturação do pensamento, da criatividade e das acções humanas. As bases destas construções metafóricas abstractas encontram-se nos esquemas imagéticos, apresentados por Mark Johnson em *The Body In the Mind* (1987), obra na qual o autor parte do princípio de que uma teoria do significado tem por base o mundo físico cujo centro é o corpo humano nas suas vertentes constitucional e accional. Estas são configuradas nos esquemas imagéticos¹, padrões abstractos de experiência, comuns a todos os seres humanos. Estes padrões abstractos reflectem o uso da experiência e da cognição para explicar abstracções e conceitos que se pautam por um maior ou menor grau de subjectividade. De facto, a corporização e a experiência com o corpo humano constituem pilares fundamentais do paradigma cognitivo, visto equacionarem-se como base motivadora, ainda que em maior ou menor grau, da linguagem e do modo como estruturamos o nosso pensamento. Não só o corpo humano, mas também toda a sua interacção com o exterior, a nível social e cultural, contribuem para este fim. Neste âmbito, um contributo importante para o estudo do espaço é o de Batoréo (2000).

¹ Alguns exemplos de esquemas imagéticos apresentados por Johnson são: contentor, bloqueio, trajectória, ligação, escala (1987: 126).

3. A teoria da mesclagem: processamento e alcance

Note-se que a teoria cognitiva da metáfora tem sido confrontada com uma outra teoria, ainda mais recente, denominada teoria da mesclagem (*blending*), que pretende explicar os mapeamentos sob a forma de redes de intersecção conceptual. Inicialmente inspirada na teoria dos espaços mentais de Fauconnier (1985), foi desenvolvida pelo mesmo autor, conjuntamente com Turner (1999, 2002). Segundo esta teoria, o processo de mesclagem consiste, na sua essência, na projecção parcial de dois ou mais espaços mentais de *input* num outro espaço, denominado de mescla (*blend*), resultante da fusão daqueles à luz de um espaço genérico que confere uma dimensão estrutural materializada em papéis semânticos. Apesar de ter origem em dois ou mais espaços mentais de *input* diferentes e ainda num espaço genérico, uma construção mesclada caracteriza-se por ser uma só unidade, não podendo ser claramente decomposta em partes. Assim, os mapeamentos deixam de ser estruturados unidireccionalmente de um domínio de origem para um domínio-alvo, havendo lugar para a intervenção de vários espaços mentais na criação de um outro:

A typical conceptual integration network includes two input spaces, a blended space, and a generic space. The generic space has the structure taken as applying to both inputs. (Fauconnier; Turner, 1999: 77)

Na análise do nosso *corpus*, recorreremos à teoria dos espaços de mesclagem apenas nos casos em que se revelou estritamente necessário, ou seja, em exemplos em que se vislumbra a constituição de verdadeiras redes de integração conceptual *on-line*, impossíveis de explicar unicamente através da teoria da metáfora conceptual, por esta revelar ser, nessas ocorrências, insuficiente. De facto, no nosso ponto de vista, a teoria da mesclagem configura uma evolução da teoria cognitiva, e não uma quebra. Este é um processo que implica uma grande criatividade, flexibilidade e mobilidade, e por isso entramos na noção de domínio cognitivo idealizado. Os espaços mentais são grandemente construídos à medida que pensamos e falamos, e por isso dimensões como o espaço ou o tempo são comprimidas, apenas naquele momento e para aquele fim. Neste contexto, os trabalhos de Almeida (2003, 2004, 2006a, 2006b) são pioneiros no estudo das mesclagens em Portugal.

4. Metodologia seguida e tipologia adoptada

No seio da investigação semântico-lexical, diferencia-se a semasiologia da onomasiologia, em termos gerais, do seguinte modo: numa perspectiva semasiológica, parte-se das representações simbólicas para os conceitos; pelo contrário, a perspectiva onomasiológica orienta-se dos conceitos para as representações simbólicas. A análise do nosso *corpus* terá um carácter onomasiológico, pois temos como ponto de partida da investigação um dado conceito, a SIDA, com o objectivo principal de estudar as suas representações a nível linguístico. Investigámos, portanto, fundamentalmente, os tipos de conceptualizações metafóricas encontradas e os respectivos domínios de origem.

4.1. A nossa tipologia

Lakoff e Johnson (1980) procedem a uma tripartição das metáforas nos seguintes tipos: metáforas estruturais, ontológicas e orientacionais; as primeiras são aquelas em que um conceito é estruturado em termos de outro, como sendo a já referida ARGUMENT IS WAR; as segundas são baseadas na nossa relação com os mais variados objectos no mundo exterior, isto é, encaramos acontecimentos, emoções ou ideias como se fossem entidades ou substâncias (por exemplo, THE MIND IS A MACHINE justifica dizermos que estamos a trabalhar “a todo o vapor”). A personificação é certamente o caso mais evidente no seio das metáforas ontológicas, uma vez que a entidade é especificada ao ponto de se identificar com uma pessoa – por isso dizemos, a título de exemplo, INFLATION IS AN ADVERSARY; e, finalmente, as terceiras são aquelas em que é dada maior relevância à orientação espacial – como exemplos, podemos referir HAPPY IS UP e SAD IS DOWN (estas metáforas têm uma base física e cultural muito clara, uma vez que relacionamos uma postura prostrada com um estado de espírito depressivo, e uma postura erecta com um estado emocional de satisfação).

Consideramos esta tipologia não desprovida de falhas, como é apontado por Jäkel:

*Diese Typologie ist nun nicht ganz unproblematisch. Beispielsweise sind die Definitionen der Haupttypen nicht unbedingt trennscharf.*² (Jäkel, 1997: 147)

De facto, incluir nas metáforas estruturais conceptualizações como TIME IS MONEY parece-nos incongruente. Visto que o dinheiro é uma substância concreta, esta representação deveria ser considerada uma metáfora ontológica. O facto de se integrarem variadas metáforas ontológicas na esfera das metáforas estruturais também revela alguma imprecisão no âmbito desta tripartição, pois introduz uma estrutura hierárquica entre grupos. Para além disto, Lakoff e Johnson incluem as *container metaphors* (“metáforas de contentor”) nas metáforas ontológicas; parece-nos esta inclusão desprovida de uma total correcção, pois Mark Johnson (1987) apresenta o contentor como primeiro esquema imagético da lista que formula. Por esta razão, as metáforas que têm por base o esquema imagético do contentor são nitidamente orientacionais.

Tendo em conta estes factos, optámos por apresentar uma tripartição ligeiramente diferente, tendo consciência, no entanto, que também entre os vários tipos teremos fronteira difusas. Todavia, torna-se necessária uma classificação sobretudo por razões de natureza prática, uma vez que se nos afigura inoperacional apresentar todas as metáforas encontradas como um só conjunto. Assim, optámos por distribuir as metáforas em três grandes grupos: metáforas ontológicas, metáforas orientacionais e metáforas ontológico-orientacionais, tendo por base a opção de Jäkel:

² Esta tipologia não é totalmente desprovida de problemas. Por exemplo, as definições dos três tipos [de metáforas] não são completamente estanques. (nossa tradução/n.t.)

Nach den oben vorgestellten Definitionen müßte man allerdings auch Zwischentypen wie "ontologische Orientierungsmetaphern" zulassen, wenn beispielsweise das BEWUSSTSEIN als BEHÄLTER konzeptualisiert wird und damit eine konkrete Reifizierung vorliegt, welche gleichzeitig eine eindeutige räumliche Orientierung mit sich bringt.³ (Jäkel, 1997:148-9)

Deparamos efectivamente, durante a análise do nosso *corpus*, com os dois primeiros tipos e registámos ainda a presença de casos híbridos caracterizados pelo entrosamento entre esquemas imagéticos e a conceptualização de conceitos abstractos como substâncias materiais – a possibilidade de uma conjugação entre dois tipos de metáforas tornou-se, por conseguinte, evidente e inevitável, tendo as componentes pesos variados. Os exemplos por nós apresentados encontram-se por ordem decrescente de riqueza e de produtividade, por um lado, e, por outro, pretendem apenas ser um amostra do *corpus*. Quisemos, no entanto, focar diferentes aspectos de uma mesma metáfora. Os sublinhados indicam as manifestações lexicais mais prementes da metáfora conceptual em causa.

5. Metáforas ontológicas

Por metáforas ontológicas entendemos as representações em que o universo abstracto é lido com base no concreto, ou seja, muitos elementos da nossa experiência são conceptualizados como entidades ou substâncias materiais. Só assim se torna possível, por exemplo, a quantificação de conceitos abstractos.

5.1. A SIDA é uma guerra

Esta metáfora conceptual demonstrou ser a mais rica e produtiva do *corpus* por nós estudado, havendo uma multiplicidade de elementos representados: um inimigo contra o qual se luta, o recurso a armas ou outros meios de combate, os conceitos de ataque e defesa, bem como os de derrota e vitória, a adopção de uma dada estratégia ou tática, a existência de situações de perigo, cenários de invasão, de violência e de perseguição. A ocorrência aqui apresentada em (1) constitui um exemplo:

- (1) Hat damit das Finale begonnen im mörderischen Kampf Mensch gegen HIV?⁴
(SPG, 25.06.2001)
- (2) Sexo 'kamikaze'. (VIS, 10.03.2005)

³ Paralelamente às definições propostas, deveriam também aceitar-se tipos híbridos como as "metáforas ontológico-orientacionais", quando, por exemplo, a CONSCIÊNCIA é conceptualizada como um CONTENTOR. Na base desta representação está uma ontologização bem concreta, que ao mesmo tempo arrasta consigo uma nítida orientação espacial. (n.t.)

⁴ Terá deste modo começado o fim da luta mortal entre o Homem e o HIV? (n.t.)

Em (1), a representação apresenta dois oponentes em luta: o Homem e a SIDA. O cenário bélico é reforçado pelo adjectivo “mörderisch” (mortal), o que vem confirmar o cariz implacável da doença, que inevitavelmente conduzirá à morte do ser humano por ela afectado. Também parte desta metáfora conceptual fará o exemplo (2), este retirado da imprensa portuguesa. Um termo cujo uso é normalmente limitado ao contexto bélico (‘kamikaze’) serve, nesta situação em particular, para estruturar o risco que implica o acto sexual com alguém infectado, ou seja, este é capaz de provocar a própria morte do indivíduo em causa.

5.2. A SIDA é um ser vivo

A SIDA é frequentemente metamorfoseada como um ser vivo, seja ele uma planta ou um animal irracional ou racional; a capacidade de reprodução assume um lugar de destaque nesta metáfora, pois ao vírus é atribuída esta faculdade, tal como se se tratasse de um organismo com vida própria. As capacidades intelectuais também são assim representadas:

- (3) “Das Virus ist extrem clever”, sagt Co-Autor Daniel Masys.⁵ (SPG, 13.06.2001)
- (4) No caso da Sida, essa estratégia não resulta: por muito que a gente queira convencer o sistema imunitário que está lá o vírus da Sida, ele continua a reagir como se estivesse infectado. (VIS, 05.05.2005)

Ao serem atribuídas ao vírus características próprias do ser humano, como sendo a esperteza, presente no exemplo (3), verificamos que esta qualificação pode até ser quantificada, o que é feito através do advérbio “extrem” (extremamente). Um atributo normalmente próprio dos humanos ou, nalguns casos, de certos animais, surge aqui aplicado ao vírus em causa. A ocorrência (4) vem reforçar este facto: apenas a conceptualização do vírus como um ser humano, por meio desta metáfora conceptual, permite a formulação apresentada, na qual o sistema imunitário pode ser convencido e pode reagir, acções que usualmente apenas se aplicam a seres humanos.

5.3. A SIDA é uma catástrofe natural

A SIDA é também apresentada como uma catástrofe natural, pelo que é conceptualizada como um tremor de terra ou umas cheias. Uma das características que mais se manifesta nas ocorrências por nós encontradas é o alastramento por uma grande área, o que normalmente caracteriza qualquer catástrofe natural:

- (5) Der lange durch Medikamente aufgebaute Damm gegen Todesfälle “ist längst gebrochen”.⁶ (SPG, 10.09.1999)

⁵ “O Vírus é extremamente esperto”, afirma o co-autor Daniel Masys. (n.t.)

⁶ O dique que foi durante muito tempo construído com medicamentos já rebetou há muito. (n.t.)

- (6) A África austral continua a ser a região mais fustigada pelo vírus seguida pelas Caraíbas. (EXP, 23.11.2004)

Verifica-se na ocorrência (5) que o domínio-fonte das cheias serve à conceptualização da SIDA: tentativas de combate à doença são levadas a cabo pela construção de diques, o que pode ser visto através do recurso a termos como “Damm” (dique). Ou seja, a doença propriamente dita é conceptualizada como um grande fluxo de águas, a ser retido a todo o custo. Também a imprensa portuguesa nos permitiu confirmar a consistência desta metáfora conceptual, como podemos verificar pelo exemplo (6). De facto, são os fenómenos naturais que fustigam uma determinada região. É este domínio-fonte que nos permite compreender esta construção, na qual é o vírus que fustiga uma determinada região geográfica.

5.4. O corpo humano é um edifício

As metáforas que conceptualizam o corpo humano ou os próprios micróbios como construções ou edifícios revelaram-se bastante produtivas no *corpus* em análise. Encontramos ocorrências diversificadas em que o próprio acto de construir é referido, outras em que se mencionam os materiais necessários à construção, outras ainda em que verificamos que, tal como um edifício tem uma planta – um plano de construção – o mesmo pode suceder com o corpo humano. Por fim, há também necessidade de construção de barreiras, com o objectivo de proteger o edifício:

- (7) Die Substanz hemmt – anders als herkömmliche Medikamente gegen Aids – jenen Teil der Viren-DNA, der für den inneren Aufbau der Mikrobe verantwortlich ist.⁷ (SPG, 10.09.1999)

O caso específico de (7) refere-se a uma substância que impede os micróbios de se desenvolverem no interior do corpo humano – daí o uso da imagem de construção “inneren Aufbau der Mikrobe” (construção interna de micróbios).

5.5. O corpo humano é uma máquina

O corpo humano é também visionado, no contexto da SIDA, como uma máquina que dispõe de mecanismos próprios ou como um interruptor passível de ser accionado:

- (8) Nach Erkenntnissen der Kalifornier schaltet das Virus mit großer Geschwindigkeit die Gene der T-Zellen aus (...).⁸ (SPG, 13.06.2001)
- (9) Combater a corrupção, reduzir a pobreza, travar a Sida. (VIS, 09.12.2004)

⁷ Esta substância inibe – ao contrário de outros medicamentos contra a SIDA até à data – a parte do DNA dos vírus que é responsável pela construção interna de micróbios. (n.t.)

⁸ Para este californiano, o vírus desliga os genes das células T com uma velocidade espantosa. (n.t.)

Em (8), a acção de determinadas células é representada à luz do funcionamento dos interruptores. A descontinuidade introduzida pelo vírus origina uma interrupção na produção das células. E se na maioria da vezes a máquina em causa não é especificada, outras ela é-o de modo bem claro, como em (9), em que a própria doença é representada como um meio de transporte que será necessário “travar”, caso contrário ela continuará o seu percurso.

5.6. Os medicamentos são preparados culinários

Embora não tenha demonstrado ser uma metáfora conceptual particularmente rica, a imagem metafórica OS MEDICAMENTOS SÃO PREPARADOS CULINÁRIOS revelou bastante consistência sempre que foi por nós encontrada no *corpus* trabalhado, pelo que lhe dedicamos aqui alguma atenção:

- (10) Ihnen wurden verschiedene Medikamentencocktails gegen Aids verabreicht.⁹ (SPG, 08.07.2000)
- (11) Por outro lado, o preço anual de base que cada paciente tem de pagar pelo cocktail de anti-retrovirais caiu de forma significativa (...). (VIS, 06.07.2004)

Em (10), as combinações de medicamentos de combate ao HIV são representadas como *cocktails*, isto é, os medicamentos são conceptualizados como uma mistura de bebidas. De facto, trata-se de uma amálgama de princípios activos, cuja composição é relativamente desconhecida, tal como, em certa medida, acontece com os *cocktails*. A imprensa portuguesa confirmou-nos este facto através de (11), do qual consta a representação “cocktail de anti-retrovirais”.

6. Metáforas orientacionais

As metáforas orientacionais são elaboradas na base de um ou vários esquemas imagéticos que lhes estão subjacentes; à semelhança do que acontece com as metáforas ontológicas, também devemos referir que, nas orientacionais, o universo abstracto é igualmente interpretado na base de experiências físicas de carácter espacial.

6.1. O número de vítimas da sida é uma escala

O número de vítimas que a SIDA tem causado é também, por seu lado, objecto de uma metáfora conceptual, tendo por base a imagem de uma escala. De facto, aquele pode subir, descer, estar numa situação estável ou alcançar o ponto mais alto de uma escala; naturalmente, estão presentes as orientações acima-abaixo ou abaixo-acima, consoante se representa um decréscimo ou um acréscimo de valores:

⁹ Foram-lhes facultados variados cocktails de medicamentos contra a Sida. (n.t.)

- (12) In Deutschland sank die Zahl der Erkrankungen 1998 um ein Drittel.¹⁰ (SPG, 06.04.1999)
- (13) Infectados atingem recorde. (EXP, 23.11.2004)

De facto, a diminuição numérica dos doentes vítimas de SIDA é conceptualizada como se fosse a descida numa escala, como podemos constatar em (12), através da formulação “sank” (caiu, desceu – entre outras correspondências possíveis). Um exemplo da orientação contrária pode ser visto em (13), no qual a conceptualização do expoente máximo da subida é estruturado pelo alcance de um ponto-limite; note-se que o termo “recorde” é normalmente usado relativamente ao alcance de valores que ficam no limite máximo de uma escala, em particular no âmbito de desporto.

6.2. O corpo humano é um contentor

Esta metáfora conceptual revelou-se uma das mais produtivas e ricas do nosso *corpus*. Um dos resultados mais óbvios do nosso contacto com o mundo do quotidiano é a descoberta de que o nosso corpo é um contentor onde depositamos, por exemplo, comida e bebida, expelindo igualmente para o exterior substâncias excedentárias. O esquema imagético do contentor torna-se, portanto, imprescindível à conceptualização da doença que, na maior parte dos casos, assume o papel de invasor do espaço restrito do corpo, conforme pode ser observado nos seguintes exemplos:

- (14) Etwa 33 Millionen Personen tragen derzeit das Aids-auslösende HI-Virus in sich.¹¹ (SPG, 01.12.1999)
- (15) Logo que o vírus entra no organismo, o sistema imunitário dá cabo dele. E isto não acontece na Sida. (VIS, 05.05.2005)

Em (14), o vírus é carregado ou transportado no interior do corpo humano, pelo que este é conceptualizado como um recipiente dentro do qual está um organismo estranho, conforme patenteado pela construção “in sich tragen” (carregar dentro de si). A ocorrência (15) refere-se de modo bastante explícito ao esquema imagético do contentor, uma vez que a noção dentro-fora, relativamente ao corpo humano, permite esta construção. No espaço limitado do corpo entra um organismo que lhe não pertence.

7. Metáforas ontológico-orientacionais

Esta é uma formulação mista, pois apresenta aspectos das duas anteriores: paralelamente ao recurso a um elemento concreto para fazer a leitura de um elemento abstracto, como sucede nas metáforas ontológicas, a estrutura de base reporta-se, adicionalmente, a um esquema imagético.

¹⁰ Na Alemanha, o número das infecções caiu para um terço em 1998. (n.t.)

¹¹ Cerca de 33 milhões de pessoas carregam hoje dentro de si o vírus que despoleta a Sida. (n.t.)

7.1. A sida é um avanço

Esta doença é também conceptualizada como uma entidade em progressão no espaço, sendo como tal direccionada para a frente, o que se equaciona quer na sua proliferação pelo mundo fora, quer na propagação no seio do próprio corpo. O caminho a percorrer pela doença conjuga-se com o esquema imagético da trajectória:

(16) "Aids dezimiert den Kontinent und hinterlässt Millionen von Waisenkindern.¹²" (SPG, 16.05.2000)

(17) A epidemia da Sida não parece querer abrandar. (VIS, 06.07.2004)

Os exemplos (16) e (17) dizem respeito ao alastramento da SIDA pelo mundo, que é visto como uma trajectória. Ao descrever esta trajectória, a SIDA poderá deixar vítimas no seu percurso, o que nos é veiculado pelo verbo "hinterlassen" (literalmente, deixar para trás). A velocidade com que esta trajectória é percorrida pela doença é, em (17), estruturada de modo a poder variar, tal como qualquer corpo que se mova no espaço.

7.2. A investigação científica da sida é um avanço

Assim como a evolução da doença é conceptualizada como uma trajectória, também toda a investigação feita para a combater o é, sendo que este percurso é susceptível de conter muitos obstáculos, podem ser dados grandes passos, ou ainda ser encontrados objectos no decurso daquele:

(18) Auf der Suche nach einer Impfung gegen die Immunschwäche Aids glauben Forscher, einen entscheidenden Schritt vorangekommen zu sein.¹³ (SPG, 09.03.2001)

(19) A ignorância dos próprios responsáveis de saúde é outro obstáculo. (VIS, 29.11.2004)

Em (18), encontramos uma trajectória cujo percurso é feito passo a passo, tendo alguns passos mais importância do que outros. A presença de um qualquer impedimento em determinado local da trajectória é também possível nesta metáfora, como podemos verificar em (19), em que a ignorância representa um entrave no combate ao vírus.

7.3. Os fenómenos biológicos inerentes à sida são transportes

Os acontecimentos que têm lugar no interior do nosso corpo, no contexto da SIDA, são muitas vezes metaforizados através do conceito de transporte, havendo lugar para o

¹² A Sida dizima o continente e deixa milhões de crianças órfãs atrás de si. (n.t.)

¹³ Os investigadores acreditam que se deu um decisivo passo em frente na busca por uma vacina contra a Sida. (n.t.)

acto de transportar propriamente dito (deslocação), sendo possível atrelar um elemento a um outro, tal como se passa com objectos que atrelamos a automóveis ou outros meios de transporte:

(20) Transport-Protein für HI-Virus entdeckt.¹⁴ (SPG, 03.03.2000)

A ocorrência (20) apresenta determinada proteína como sendo o meio de transporte responsável pela deslocação do vírus HIV no interior do corpo humano. Esta imagem é ilustrada pela presença do item lexical “Transport” (transporte) na construção simbólica em causa.

8. Construções mescladas

No universo do nosso *corpus*, encontramos algumas ocorrências cuja explicação capaz apenas se verifica se recorrermos à teoria da mesclagem (V. ponto 3.), por manifestarem a intervenção de pelo menos quatro espaços mentais, e não apenas dois domínios cognitivos. Apresentamos aqui dois deles:

(21) Es herrscht keine Pogromstimmung im Ort gegen die Kranken.¹⁵ (SPG, 03.07.2000)

(22) Aids – die mörderische Braut der Zärtlichkeit.¹⁶ (STR, 18.05.2000)

Relativamente ao exemplo (21), a palavra composta “Pogromstimmung” (atmosfera de Pogrom) constitui uma construção mesclada, uma vez que nela reconhecemos o elemento “Pogrom”, que nos remete nomeadamente para o espaço mental da 2ª Guerra Mundial, em que assim se denominavam as perseguições às pessoas que professavam a religião judaica. O espaço genérico apresenta grupos objecto de discriminação e, logo, objectos de perseguição (realce-se a preposição “gegen” – contra). O segundo espaço mental de *input* será constituído pelos doentes vítimas da SIDA. A mescla apresenta elementos de ambos, ao entrecruzar duas dimensões temporais completamente distintas, pelo que também revela ser possuidora de uma estrutura própria. Como tal, equaciona-se a perseguição ao vírus tendo como base um cenário muito específico da história da humanidade, a saber, a perseguição aos judeus, que, como é do conhecimento geral, se revelou implacável. A compressão temporal é característica do processo de integração conceptual, o que (21) exemplifica.

A ocorrência apresentada em (22) manifesta toda a complexidade que envolve a conceptualização de uma doença como um ser humano. Esta é uma mescla em que se interceptam três espaços mentais: o do assassinio, o do casamento e o da SIDA. Tal como apontámos em 3., refira-se que, na elaboração da mescla, os espaços mentais de

¹⁴ Foi descoberta a proteína-transporte do HIV. (n.t.)

¹⁵ Não se nota que haja uma atmosfera de Pogrom contra os doentes. (n.t.)

¹⁶ Sida – a noiva assassina da ternura. (n.t.)

input podem ser mais que dois. Neste caso, no espaço genérico figuram duas entidades que espacializam ao nível abstracto a interacção evidenciada nos três espaços mentais de *input*: num assassinio prototípico, os intervenientes são dois, assim como num casamento; no caso da SIDA, a vítima e o vírus também constituem duas entidades distintas. A mescla resultante apresenta uma estrutura própria original, produto das confluências conceptuais acima mencionadas.

9. Observações finais

Foi intuito principal deste trabalho demonstrarmos que a transmissão de informação de teor para-científico (nomeadamente médico) pelos meios de comunicação social faz uso de metáfora conceptuais.

Apoiando-nos num enquadramento da semântica cognitiva, encontramos e analisámos variadas metáforas, de entre as quais destacamos A SIDA É UMA GUERRA, O CORPO HUMANO É UM EDIFÍCIO, O NÚMERO DE VÍTIMAS DA SIDA É UMA ESCALA e O CORPO HUMANO É UM CONTENTOR por apresentarem ocorrências comprovativas de diferentes aspectos da mesma realidade.

Confirmámos igualmente que a metáfora conceptual no domínio da ciência não é um mero adereço – dela faz-se uso de modo recorrente e sistemático, tal como no domínio do quotidiano. Somos levados, nesta ordem de ideias, a concordar com Lakoff e Johnson quando afirmam:

Metaphor is as much a part of our functioning as our sense of touch, and as precious. (Lakoff; Johnson, 1980: 239)

A descoberta de que a teoria cognitiva da metáfora, não obstante todo o seu valor e excelência, é insuficiente na explicação de alguns casos levou-nos a recorrer à teoria da mesclagem, cuja validade foi comprovada em alguns exemplos. Pretendemos assim igualmente demonstrar que a própria noção de metáfora conceptual se espacializa à luz do protótipo, havendo metáforas mais evidentes ou centrais, e outras menos centrais, que necessitam do recurso a outras teorias para serem devidamente analisadas. Metáforas e mesclas constituem, como tal, fenómenos diferentes situados em diferentes pontos de um mesmo contínuo.

Como doença incurável que ainda vai sendo nos nossos dias, a SIDA suscita medo e terror. Ao conhecermos as metáforas que subjazem ao seu discurso, descobrimos as razões para que tal aconteça. Tomámos igualmente conhecimento de inúmeros factos relativos à SIDA que, essa é a nossa convicção, são desconhecidos do público em geral. Procurámos, enfim, que o presente trabalho fosse uma fonte de informação e esclarecimento, contribuindo para um esforço inaugurado por Susan Sontag (1998).

10. Referências

Almeida, Maria Clotilde (1995) *Transitividade e trajectória nas concepções de "abrir" e de "cortar" em português e alemão. Análise prototípico-analogista*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa (não publicada).

- Almeida, Maria Clotilde (2003) Processos de compressão em construções mescladas: análise semântica de ocorrências do português. In *Actas do XVIII Encontro da APL*. Lisboa: Colibri, pp. 67-76.
- Almeida, Maria Clotilde (2004) More about Blends: blending with proper names in the Portuguese media. In *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Almedina, pp. 145-158.
- Almeida, Maria Clotilde (2006a) Blend-Bildungen – und was dahinter steckt. In *Rostocker Romanistische Arbeiten 10. Portugiesisch kontrastiv gesehen und Anglizismen weltweit*. Frankfurt/Bern: Peter Lang, pp. 241-258.
- Almeida, Maria Clotilde (2006b) Blending the pheno-world with fiction: the Cognitive Semiotics view. In *Questions on the Linguistic Sign*. Lisboa: Colibri, pp. 49-65.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2000) *Expressão do espaço no português europeu. Contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Biere, Bernd Ulrich (1997) Sturmangriff der Killerviren. Metaphern und Verständlichkeit. In *Metaphern, Medien, Wissenschaft*. Opladen: Westdeutscher Verlag GmbH, pp. 132-147.
- Biere, Bernd Ulrich & Wolf-Andreas Liebert (1997) Metaphern in Wissenschaft und Wissenschaftsvermittlung. In *Metaphern, Medien, Wissenschaft*. Opladen: Westdeutscher Verlag GmbH, pp. 11-12.
- Bock, Herbert (1997) Zur sprachlichen Darstellung von AIDS in Printmedien. In *Metaphern, Medien, Wissenschaft*. Opladen: Westdeutscher Verlag GmbH, pp. 81-101.
- Dobrovolskij, Dmitrij (1997) Metaphernmodelle und Idiome in mündlichen Fach- und Vermittlungstexten: Eine exemplarische Analyse zum Thema AIDS. In *Metaphern, Medien, Wissenschaft*. Opladen: Westdeutscher Verlag GmbH, pp. 148-179.
- Fauconnier, Gilles (1985) *Mental spaces. Aspects of meaning construction in natural language*. Massachusetts: The MIT Press.
- Fauconnier, Gilles & Mark Turner (1999) Metonymy and conceptual integration. In *Metonymy in language and thought*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, pp. 77-90.
- Fauconnier, Gilles & Mark Turner (2002) *The way we think. Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books.
- Jäkel, Olaf (1997) *Metaphern in abstrakten Diskurs-Domänen*. Frankfurt am Main: Peter Lang Europäischer Verlag der Wissenschaften.
- Johnson, Mark (1987) *The body in the mind. The bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lakoff, George (1987) *Women, fire and dangerous things. What categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lakoff, George & Mark Johnson (1980) *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Liebert, Wolf-Andreas (1992) *Metaphernbereiche der deutschen Alltagssprache. Kognitive Linguistik und die Perspektiven einer Kognitiven Lexikographie*. Frankfurt am Main: Peter Lang Europäischer Verlag der Wissenschaften.
- Órfão, Paula (2003) *Conceptualizações metafóricas de SIDA em textos alemães: abordagem cognitiva*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa (não publicada).
- Ortony, Andrew (ed.) (1989) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Silva, Augusto (1999) *A semântica de "deixar". Uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Sontag, Susan (1980) *A doença como metáfora e a SIDA e as suas metáforas*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Taylor, John (1989) *Linguistic Categorization. Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press.